

# **GÊNERO E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O DESAFIO DE PENSAR EM MASCULINIDADES PLURAIS**



**Autor: José Rossicleiton de Freitas**  
**Orientadora: Iara Maria de Araújo**

**2021**

# **SOBRE OS AUTORES**



*José Rossicleiton de Freitas* é especialista em Gestão Educacional pela Universidade Vale do Acaraú e em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é mestrando do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri/URCA e integrante do Laboratório de estudos e pesquisas em gênero, educação, sexualidade e diferenças. Atua como professor da rede pública de ensino dos municípios de Bela Cruz e Marco, Ceará.



*Jara Maria de Araújo* é doutora em sociologia pela Universidade Federal do Ceará, professora da Universidade Regional do Cariri e do Mestrado profissional em Educação/URCA. É coordenadora do Laboratório de estudos e pesquisas em gênero, educação, sexualidade e diferenças. Atua principalmente nos seguintes temas: violência de gênero, cultura do trabalho e mobilidades, políticas sociais, gênero e sexualidade, diferenças e educação.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA  
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB 3/1000

Freitas, José Rossicleiton de.

F866a Gênero e práticas educativas: o desafio de pensar em masculinidades plurais/  
José Rossicleiton de Freitas e Iara Maria de Araújo. – Crato-CE, 2021  
34p.; il.

Produto educacional vinculado à dissertação “A construção das masculinidades  
de jovens em contexto escolar em uma comunidade de zona rural”

1. Gênero; 2. Práticas educativas, 3. Material didático;  
I. Título.

CDD: 371.3

# SUMÁRIO

1	Introdução.....	04
2	Escola, corpo e gênero.....	06
3	Focando nos conceitos: sexo, gênero e sexualidades e identidade de gênero.....	10
4	Masculinidades em questão.....	17
5	Oficina passo a passo.....	24
6	Referências.....	31

# I INTRODUÇÃO

Esse trabalho intitulado “Gênero e práticas educativas: o desafio de pensar em masculinidades plurais” é resultado de uma pesquisa elaborada dentro do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri, como uma das exigências para obtenção do título de mestre em Educação. Tem como objetivos: Refletir como as práticas escolares são decisivas para o processo de construção das masculinidades dos discentes; Discutir os conceitos de masculinidade tendo como ponto de partida a masculinidade hegemônica, o patriarcado, destacando os padrões e normas culturais elaborados para produzir um modelo de masculinidade ideal, inabalável incorruptível; Expor outros olhares a respeito da masculinidade, mostrando que o processo de construção do homem não é algo fixo e, pode ser menos tenso, a partir do momento em que se desconstrói, se deslegitima a forma essencialista e tradicional de ser, perceber e entender a masculinidade.

É um material didático de apoio pedagógico com linguagem clara e acessível, destinado aos educadores e educadoras, alunos e alunas do Ensino Fundamental III, no formato de uma oficina de aprendizagem.

O tema instiga as educadoras e educadores a repensar suas concepções e práticas educativas, reconhecendo as múltiplas identidades de gêneros existentes no espaço escolar e considerando que os diferentes aspectos que circundam as individualidades são confrontados e ameaçados, desde tenra idade, pelas concepções hegemônicas e hierárquicas tecidas a partir de dinâmicas, valores preconcebidos, ações que promovem a anulação e extinção daqueles que não se enquadram no perfil de homem ideologicamente fabricado.

Nesta perspectiva, discutir sobre masculinidade e feminilidade na escola é fundamental, por que embora a discussão seja direcionada para um público teoricamente

esclarecido, o gênero é um assunto negado, apagado e silenciado na realidade educativa e por não se fazer presente nos debates e diálogos pedagógicos é mal interpretado, limitando-se a poucas aparições nos documentos educativos, suprimido e circunscrito às áreas de humanidade. Fica evidente, pois, que é a falta de conhecimento sobre o assunto, ou a restrição ao abordá-lo, bem como os limites normativos que implicitamente estão impregnados nas bases das instituições e no seu fazer educativo que travam as novas posturas e visões sobre o tema.

Colocar, então, esse assunto em evidência indica um reposicionamento a respeito do ideal de continuidade referente à construção do indivíduo; induz a ressignificação de conceitos e conteúdos, no sentido de incluir elementos que falem e representem a todos indistintamente; ao mesmo tempo em que retira esse conteúdo da condição de transversalidade, desmistificando mitos e tabus, gerando esclarecimentos acerca desse assunto.

É partindo desse ponto, que este trabalho se torna pertinente, pois a escola é um lugar de encontros onde as diferentes formas de aprendizagens convergem para a formação da pessoa, um espaço de grandes revoluções não podendo se limitar a um único contexto com quadro branco, pincel, um professor e um conglomerado de pessoas inertes.

Portanto, encorajar os docentes a buscarem novas leituras sobre o assunto, estimulando-os a assumirem um posicionamento diferente sobre a realidade, é colaborar com a construção de novas discussões, além de auxiliar, na mediação de conflitos.

A atividade disposta na oficina apresenta-se como um convite ao diálogo. Uma ação que intui a construção de novas relações nos espaços escolares, acreditando que é possível conviver com as diferenças, respeitando os limites e os espaços do outro.

## **2 ESCOLA, CORPO E GÊNERO**

O processo de escolarização e educação coopera significativamente com a construção do indivíduo. Nesta perspectiva, a escola se inclui neste processo, quando desde a infância atua no desenvolvimento de habilidades, competências, potencialidades, imprimindo sobre o educando uma série de conceitos convencionalmente instituídos para guiar à vida do infante e assim induzi-lo a agir segundo normas e preceitos socialmente preestabelecidos.

Neste caminho engenhoso educar é um princípio fundamental, pois o sujeito educado se prepara e aprende a reconhecer o papel e a função que exercerá. Não é à toa, que o principal alvo desse processo de formatação são os corpos. É sobre eles que se inscrevem tais construções, quer seja “através da familiarização com um mundo simbolicamente estruturado, seja através de um trabalho de inculcação coletivo, mais implícito do que explícito” (BOURDIEU, 1995, p. 142).

De qualquer maneira é imprescindível destacar que as práticas educativas são intencionalmente pensadas e estão interrelacionadas a um modelo hierarquizador que impõe e reforça um perfil ideal de sujeito dentro da “escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (LOURO, 2000, p. 21).

A suposição de que as construções das identidades de meninos e meninas se dão a partir de experiências universais, fundamentam e encaminham a produção de um ambiente regulador, cuja dinâmica, conteúdo, currículo e práticas padronizadas implicam em conter impulsos, corrigir desvios, controlar sentimentos, regular determinadas concepções identitárias, que de acordo com Bento (2011, p. 552) são reiteradas pela

negação que invisibiliza “o outro”, “o estranho”, “o abjeto”, e quando aparecem no discurso é para ser eliminado. É um processo de dar vida através do discurso para imediatamente matá-lo”.

Neste sentido a escola e educadores, em várias situações, não só adotam discursos e posturas deterministas como também se apoiam numa ideologia classificatória, hierárquica, defendendo muitas vezes um modelo único de indivíduos e cooperando para dissuadir pensamentos, posicionamentos contrários a esse ideal normativo. Ou seja, “o ensino escolar participa e é um dos principais instrumentos de normatização, uma verdadeira tecnologia de criar pessoas “normais”, leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem como a sociedade as quer” (MISKOLCI, 2012, p. 18 e 19).

Diante disso tudo, estudar e entender o processo de escolarização de meninos e homens, de meninas e mulheres é urgente, haja vista que a identidade do sujeito passa a ser pensada como um projeto social, moldado segundo interesses que são alheios e externos à sua vontade. Esse processo ocorre em cada fase escolar, que funciona como um mecanismo de modelamento, onde a sutileza do processo de ensino e aprendizagem produz sujeitos adaptados, inertes, silenciados.

Um processo que apaga perspectivas, vontades, modos de ser, agir e estar no mundo por que, segundo essa concepção, só é permitido pensar a partir de uma matriz de homem e mulher coerente; um sujeito que tenha hábito, jeito adequado ao que se espera de um homem e uma mulher de verdade. Um homem e uma mulher de verdade são aqueles que obedecem ao padrão heteronormativo. Essa

**“A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social” (LUCKESI, 1994, p. 30 - 31).**



produção em série que enquadra as individualidades, limita a criatividade e faz refém os sujeitos tidos como diferentes, atuando no sentido de desconstruir desvios.

Partindo dessa perspectiva, repensar esse engendramento forjado é, sem dúvida, o ponto de partida para trilhar um roteiro de desconstrução desse sujeito universal, o que inclui dialogar, discutir e refletir sobre a postura adotada pelos aparatos educativos que exercem controle sobre o futuro e a história de vidas das pessoas.

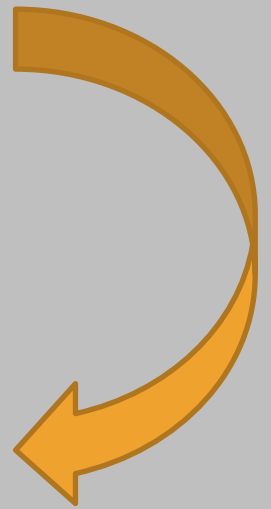
Educar requer uma compreensão ampla a respeito da existência da diversidade que há no indivíduo e este processo não se limita a um tempo definido e a um espaço específico. A formação do sujeito se dá ao longo da vida, em diferentes espaços e contextos, por meio de distintas relações, experiências e processos. É uma prática cuja autonomia se conquista pelas próprias escolhas as quais se pretende para a vida; é um ato de dignidade, uma ação essencialmente de cidadania.

## INTERAGINDO COM A TEMÁTICA...



**O livro faz uma abordagem a respeito do aprendizado e da construção de ideias sobre masculinidade e feminilidade incorporadas na formação da identidade de crianças e adolescentes.**

## Vamos pensar um pouco?



**“O binarismo é um elemento cultural forte em nosso meio, e ele ajuda a explicar a importância e o modo como lidamos com a sexualidade. Definidos alguns pólos binários (homem e mulher, ativo e passivo, heterossexual e homossexual, branco e negro, rico e pobre, jovem e velho, ocidental e oriental), de imediato valorizamos um dos pólos, em detrimento do outro, que é visto como inferior ou uma versão degradada do primeiro” (SEFFNER 2014, p. 69)**



## **2 FOCANDO NOS CONCEITOS DE SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO**

Mudar a perspectiva é o ponto de partida para se entender outros olhares e posicionamentos. É através do deslocamento da posição de observador em direção à ótica do observado que novos processos surgem. Isso ocorre porque olhar em profundidade requer uma aproximação com o lado avesso das coisas.

Conectar-se com uma ideia oposta requer sensibilidade, no sentido de reconfigurar conceitos. Uma revolução que se dá por meio de um exercício contínuo de desconstrução, levando em conta que o universo social é culturalmente dinâmico, muda, reconstrói-se e por isso poder ser ressignificado.

Para entender, então, como alguns aspectos das identidades humanas se constituem é importante pensar sobre as padronizações, demarcações e estereótipos sociais que geram diferenças e exclusões e estabelece o que é um homem e uma mulher em determinada sociedade.

O reconhecimento de novas identidades humanas, posta em uma concepção mais alargada, ampla, plural, multidimensional, subscreve-se a partir de uma nova dinâmica, que vem se projetando fora do contexto padrão e na contramão dos discursos hegemônicos.

A reflexão sobre o assunto é válida, por que problematiza um ciclo de agressões, processadas no silêncio e gestada em ações e práticas controladoras, impostas incisivamente nos discursos, gestos, conceitos normativos.

Partindo deste princípio, alguns estudiosos nos ajudam a refletir e traçar um novo entendimento e olhar a respeito destas questões, sugerindo uma postura mais crítica sobre o que se convencionou chamar de sexo, gênero e sexualidade, trazendo as seguintes reflexões:

✓ **SEXO:**

A compreensão a respeito do sexo, durante muito tempo, esteve limitada ao campo da natureza biológica. Ou seja, a diferença entre os indivíduos era estabelecida a partir do órgão sexual. Isto é, “logo que uma criança nasce o sexo lhe é conferido. E se alguma dúvida permanece, a genética explicará a falha da anatomia” (BADINTER, 1993, p.3).

As concepções a respeito das noções do que é sexo vem mudando. Esse termo numa dimensão mais ampla tem muitos significados. Sexo pode ser uma palavra que designa o gênero masculino ou feminino, servindo para uma distinção biológica entre homens e mulheres, a partir da qual se definem os papéis e atribuições sociais, que variam conforme a cultura. Mas também pode referir-se a qualquer atividade que resulte em sensação de prazer no corpo ou, mais especificamente, nos órgãos genitais do homem ou da mulher. Pode significar ainda, um ato sexual em si, “fazer sexo”, manter relações sexuais (AMARAL, 2007, p2.).

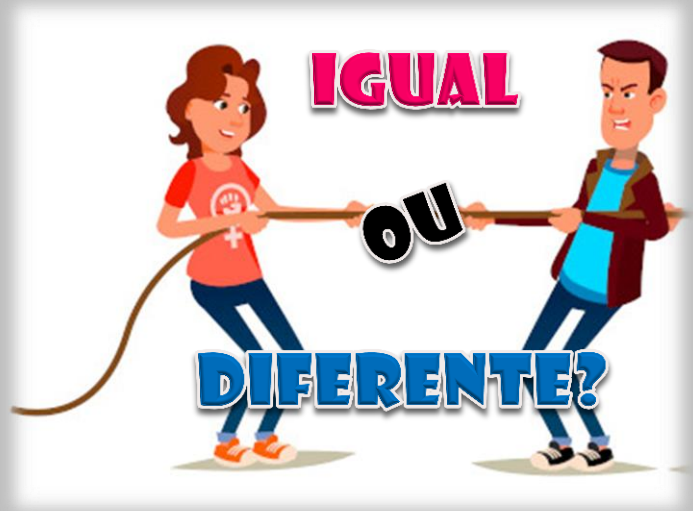
Nestas condições, a multidimensionalidade atribuída ao sexo, ultrapassa os limites físicos por enxergar diferentes possibilidades de compreensões. A revisão do termo mostra que embora as características anatômicas responsáveis por diferenciar os homens das mulheres existam, o sexo pode estar fora da generalização corpo e genitálias, sem ser



“negada à biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 2003, p. 22).

### ✓ GÊNERO:

As concepções de gênero requerem um rompimento com os vínculos reprodutivos e com as demarcações que atravessam a identificação do sujeito por que “o uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir



o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p. 76).

Neste sentido, há todo um contexto simbólico, uma linguagem cultural, uma gramática criada para distinguir e referir-se aos indivíduos. A compreensão do termo gênero se desvincula da proposta de fixação a um modelo estável de homem e mulher. Isso ocorre por que há uma dimensão plural no indivíduo que precisa ser considerada. Scott (1995, p. 75), afirma que o termo gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais, o que significa dizer que há uma criação inteiramente social sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres, cujo propósito é se referir às origens sociais das identidades subjetivas desses sujeitos. Essa definição deixa claro que gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Essa afirmação pode ser comprovada quando se analisa como alguns objetos e situações são instrumentalizados para dá significados e representações aos sujeitos. Por exemplo, o “ato de por uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, são atos que fazem o gênero”

(BENTO, 2006, p, 228). Logo, se todas essas coisas são inscrições sociais e se adquire ao longo da vida para indicar o gênero da pessoa. Pode-se concluir, então, que o gênero se faz em meio a um processo de inculturação, ou seja, a partir da apropriação de valores que são válidos em um determinado contexto social, cujas relações de poder podem determinar os símbolos, as linguagens e o que é permitido ou não ao sujeito.

Por isso, as implicações envolvendo tal conceito provocam tensões e dúvidas porque está situado em um terreno sócio-cultural conservador e diluir essas concepções não é uma tarefa tão simples. Bento (2006) diz que isso ocorre por que a norma de gênero repete que somos o que nossas genitálias informam. É justamente esse sistema, fundamentado na diferença sexual, que nos faz acreditar que deve haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo. Vagina-mulher-emoção-maternidade-procriação-heterossexualidade; pênis-homem-racionalidade-paternidade-procriação-heterossexualidade e que precisa ser repensada.

Portanto os indivíduos que não se reconhecem como “normais”, acabam performatizando o gênero. Esse processo, de acordo com Butler (2016), passa a ser a maneira diferenciada que o sujeito tem de se tornar elegível ao reconhecimento de sua existência, uma representação na qual o corpo pode aparecer. Para ser um sujeito de fato, é imprescindível encontrar uma maneira própria de lidar com as normas.

Neste sentido, como o gênero não se faz do mesmo modo em todos os tempos e lugares, é importante destacar que ele é fluído, instável, está sempre se reconstituindo, se performatizando, uma vez “ele age sobre o sexo nomeando e diferenciando homens e mulheres a partir de pressupostos sociais, culturais e linguísticos” (ARAÚJO; BARBOSA, 2016, p. 41-42).

## ✓ SEXUALIDADE:

É uma das dimensões centrais dos seres humanos que concentram um conjunto de comportamentos e representações envolvendo aspectos como os sentimentais, emocionais, as sensações, fantasias, desejos, prazer. Aludem todos os elementos sociais que circunda o sujeito, sendo “influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais”. (WORLD HEALTH ORGANIZATION apud AMARAL, 2007, p 3).

Portanto essas representações muitas vezes marcadas por contradições, incertezas, envoltas por resistências e elementos culturais; segundo Louro (apud Jeffrey Weeks, 1997, p. 26) mostra que a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo. Destacando a impossibilidade de se compreender a sexualidade observando apenas seus componentes naturais.

Partindo desta percepção, o atravessamento de linguagens e símbolos presentes nas representações e práticas as quais os sujeitos vão se construindo, de acordo com Louro (1997), são responsáveis por tornar os sujeitos masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, modificando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe.

Tornar-se homem ou tornar-se mulher parece ser algo que acontece naturalmente, uma predestinação a ser consolidada por todos os indivíduos. No entanto, esse processo não é tão simples assim como parece e por não ocorre igualmente para todas as pessoas, a

destinação de uma identidade definitiva a qual se pretende para as pessoas, destoa inclusive da lógica e do sentido do termo identidade.



Fonte: slideplayer.com.br

### ✓ IDENTIDADE DE GÊNERO

Afinal, o que significa identidade de gênero? “A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem” (SILVA, 2000, p. 74).

Concebida dessa maneira, a identidade de gênero sinaliza uma positividade aparente, quando na verdade Silva (2000), destaca que as afirmações sobre o que se diz ser é parte de uma cadeia de negações de identidades diferentes. Por trás de uma afirmação, deve-se perceber que ao mesmo tempo em que se ler a afirmação,



inconscientemente também a negamos, ou seja, dizemos também simultaneamente o que não somos como, por exemplo, se sou brasileiro, logo não sou “argentino”.

Assim sendo, “pretendemos reconhecer a identidade - aquilo que o sujeito é - e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é - a diferença. Desejamos afirmar, com segurança, que o sujeito é isso, e, conseqüentemente, ele não é aquilo” (LOURO, 2000, p. 62).

Por essa razão, Hall afirma que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2002, p. 13).

Apoiado nesse pensamento, as identidades são construções sociais, elas resultam de um processo instável de autorreconhecimento, cuja elaboração perpassa por diferentes estágios, onde o indivíduo produz representação a partir de sua subjetividade, relações, por meio de discursos e posturas próprias. Logo, o que caracteriza a identidade de gênero são as intervenções assumidas pelos indivíduos e não os aspectos biológicos defendidos, impingidos sobre a pessoa como normativo e essencial, “a identificação de gênero, mesmo que pareça sempre coerente e fixa, é, de fato, extremamente instável” (SCOTT, 1995, p. 82).

A construção da identidade de gênero diz respeito a como cada pessoa se percebe. Isto é, se refere à maneira de se reconhecer e ser reconhecido como homem ou mulher e tem como propósito perturbar a lógica já naturalizada, mostrando que elas se modificam e que não são “duráveis, estáveis, fixas e, portanto, confiáveis” (LOURO,

2000, p. 62), sendo então necessário conhecer a indefinição e ambiguidade que povoa seu processo de elaboração.

Sob essa ótica, torna-se homem ou mulher é repensar as identidades, numa nova perspectiva, pois “deixam de ser concebidas como meras resultantes de “imperativos biológicos” e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais” (LOURO, 2000, p. 66).

## PARA APROFUNDAR:



O livro aborda várias questões a respeito do processo de masculinização, destacando os padrões normativos de comportamento predefinidos e adequados ao modelo convencional de masculinidade que se afirma através da virilidade. Foca no contorno, ainda incerto, do novo homem que está em vias de ser inventado, tendo como base uma harmonia entre os sexos.

## 4 MASCULINIDADES EM QUESTÃO

Tocar no conceito de masculinidade é tão complexo quando falar de algo sagrado. É preciso refazer concepções, observar conexões, pois está envolto em discursos e elementos que tornam real os efeitos de sua ação histórica.



Perceber como um indivíduo masculino se constrói, requer um olhar voltado para a forma como esse processo é idealizado, por que ser homem tem diferentes sentidos e significados a depender de quais narrativas tornam mais concretas ou menos abstratas o conceito de homem; bem como em que contexto cultural este sujeito está inserido e quais espaços ocupam.

Para entender a estrutura da masculinidade, é preciso ir além, pois longe de ser apenas uma afirmação, este processo de masculinização está imerso em representações e uma rica historicidade, por essa razão “os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida” (KIMMEL, 1998, p. 106).

A estruturação do conceito de masculinidade sob a ótica de Connel (1995, p. 188), está fundamentada numa configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Isso significa que falar de posição dos homens é enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos uma vez que “homens” significam pessoas adultas com corpos masculinos. Não devemos temer a biologia, nem devemos ser tão refinados.

Essa discussão polêmica além de dividir opiniões assume lados antagônicos e traça novos entendimentos e noções a respeito do processo de construção da masculinidade, por que de acordo com Scott (1995, p. 93), “só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que ‘homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas”.

Neste contexto, as novas configurações de masculinidades despontam como uma realidade, pois apesar de serem percebidos como estranhas e inadmissíveis para alguns indivíduos; para outros, essa compreensão é absolutamente viável e pertinente.

Portanto resistência em aceitar à diversidade de sujeitos é um desafio, pois o conservadorismo presente em parte da sociedade é um dos resíduos impregnados no processo colonizador que busca manter efetiva a ideia de uma masculinidade inabalável, mesmo sabendo de sua fragilidade e inconsistência.

Essas disputas de espaço e poder se faz prevalente em diferentes contextos, lugares, também sobre as ideias, discursos e sujeitos, nas relações, utilizando a figura masculina como afirmação e modelo matriz de homem ideal, porque se ela se impõe como coerente diante dos outros sujeitos, gerando a ideia de inferioridade para aqueles tidos como subordinados.

O fato é que os novos discursos resistem e reagem como uma nova tendência, afirmando o que Badinter (1993) disse “o velho homem está em vias de desaparecer para dar lugar ao novo”, um sujeito possuidor de afetividade, sensibilidade e subjetividade.

Afinado nestes novos referenciais e discursos, os estudos em torno da masculinidade afirmada não no singular, mas no plural, produz os seguintes questionamentos: Afinal de contas o que é ser homem? Porque é tão polêmico e se exigem ponderações quando se fala dos aspectos das masculinidades? Por que ela é ainda algo tão intocável, invisível, imperativa e normativa?

Responder a essas indagações requer uma ampla discussão, pois existem diferentes opiniões e posicionamento sobre elas. Quando se busca refletir sobre as bases que fundamentam a masculinização, vale destacar que o homem constrói sua masculinidade socialmente, conforme defende Badinter (1993) ao dizer que a representação cromossômica XY não é suficiente para caracterizá-lo, pois existem pessoas XY que

desconhecem sua identidade masculina; outras adquirem desta identidade anomalias genéticas, ou seja, nascer homem com uma genética tida masculina não significar ser homem.

Então, não se nasce homem, o indivíduo se submete a um sistema de relações socializadora, um processo de construção e lapidação, por isso torna-se homem. E quando isso acontece? Badinter (1993) explica que tornar-se masculino envolve diferentes aspectos como psicológicos, sociais e culturais, que nada tem a ver com a genética. É uma questão social e relacional, se dá ao longo da vida.

Ancorado nesta perspectiva o processo masculinizante é claro. Tem seu princípio na verbalização: é homem! Daí por diante espera-se que esse sujeito do sexo masculino, tenha sempre uma postura efetivamente ativa, afirmativa. Ou seja, porque “a masculinidade não cai do céu; ela é construída por práticas masculinizantes, que estão sujeitas a provocar resistência [...] que são sempre incertas quanto a seu resultado. É por isso, afinal, que se tem que pôr tanto esforço nelas” (CONNELL, 1990, p. 90), com vistas a equilibrar as questões subjetivas e identitárias, escancaradas nas tensões latentes envolvendo o ideal de homem.

O homem compreendido como um produto social, está vinculado a um contexto de afirmação e autorização que se processa pelo olhar do outro, situações que podem ou não interditar seu posicionamento, posto que o processo de formação está intrinsecamente vinculado às variabilidades que essas representações produzem sobre homem e mulher em uma dada cultura.

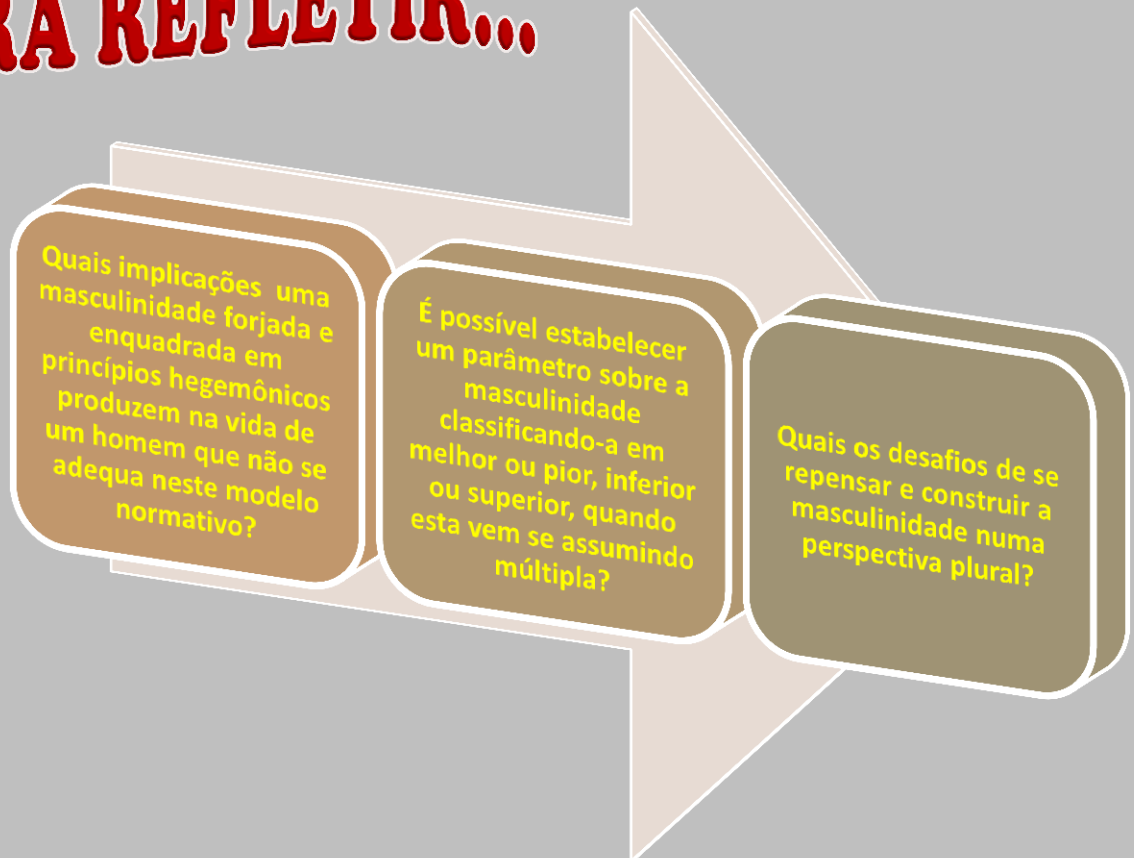
Dica de leitura



Fonte: labcom-ifp.ubi.pt



# PARA REFLETIR...



## CARACTERÍSTICAS DAS MASCULINIDADES PADRONIZADAS

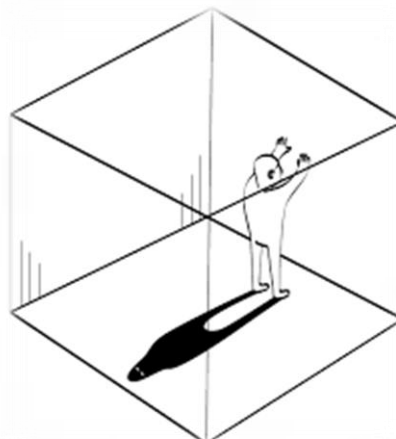
Heteronormativa

Subjugada

**Normativa**

Machista

Essencialista



Falocêntrica

Patriarcal

Opressora

Sexista

Viril

# ONDE ESTÁ ESSA NOVA MASCULINIDADE?

**As masculinidades em curso são outras, elas estão em todos os lugares e querem ser ouvidas, reivindicam seus direitos, vivem novos tempos, com novas perspectivas, novos papéis e novas atitudes...**



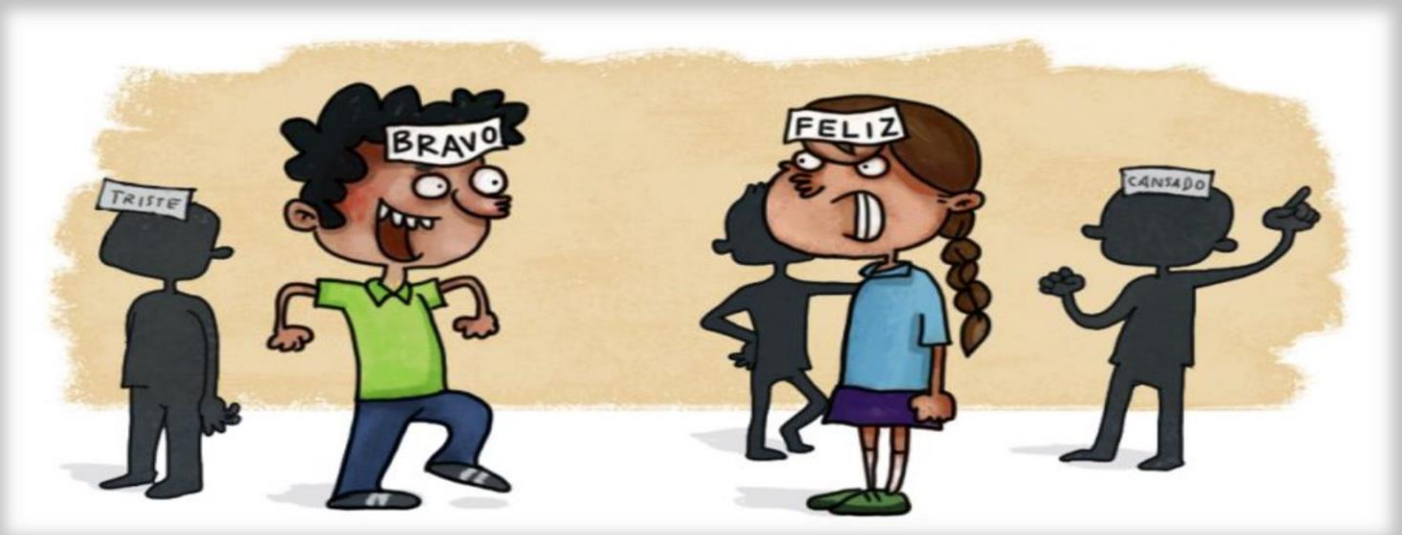


# OFICINA PASSO A PASSO

## DESENVOLVENDO A ATIVIDADE

O mediador da oficina fará a acolhida dos participantes, apresentando como será a dinâmica do encontro e desejando boas vinda. Em seguida os integrantes da oficina serão convidados a participarem da dinâmica dos rótulos iniciando assim as tarefas e a integração do grupo.

## DINÂMICA DOS RÓTULOS



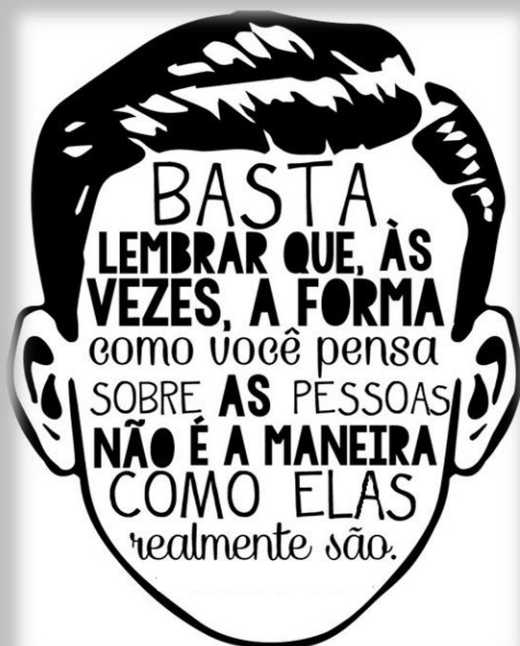
Objetivo da dinâmica: Questionar a facilidade com que rotulamos as pessoas ao julgá-las pela eventual “embalagem” simbolizada por seus trajes, jeito de ser, hábitos, família, cor da pele, situação intelectual ou social.

Para iniciar a dinâmica serão distribuídos para os participantes crachás de acordo com as características observadas pelo mediador. A classificação presente no crachá indicará um tipo de rótulo e, por isso, não poderá ser lido participante. Assim seguindo a orientação do mediador, os participantes deverão atender os comandos. Por exemplo: Se

no crachá estiver sou engraçado, ao comando do mediador para esses participantes deve ser sorri, e assim seguem as orientações: a) Sou engraçado: ria; b) Sou tímido: ajude-me; c) Sou mentiroso: desconfie; d) Sou surdo: grite; e) Sou criativo: ouça-me; f) Sou pouco inteligente: ignore-me; g) Sou muito poderoso: bajule-me;

**Obs.:** Os participantes serão divididos em grupos de cinco ou seis elementos. Cada participante receberá seu rótulo (de modo que ele não leia antes e nem durante a dinâmica). Motivar todos a discutir soluções possíveis para algum problema determinado, contando que, durante a discussão leve em consideração o rótulo que cada um está usando. Discutir o tema proposto, considerando o outro a partir do rótulo. Concluir a experiência avaliando e compartilhando os sentimentos vívidos e o que isso tem a ver com nossa vida; como rotulamos as pessoas e como melhorar nossa comunicação com aqueles que têm características diferentes das nossas.

Após a dinâmica, será o momento da socialização. O mediador do encontro abrirá um espaço para o diálogo, a fim de que os participantes conversem sobre a dinâmica e destaquem alguns pontos importantes na discussão, analisando a o impacto que os rótulos têm sobre as pessoas e como eles podem marcar negativamente suas vidas.



**RÓTULOS FORAM  
FEITOS PARA  
PRODUTOS,  
NÃO PRA PESSOAS!**

# DIÁLOGO SOBRE AS

## Masculinidades



Apresentação do tema:

Breve exposição dos objetivos e da relevância da oficina.

Algumas questões para serem discutidas, exploradas e guiar o debate:

- ✓ O conceito de gênero foi desenvolvido no âmbito dos estudos feministas e pode ser compreendido como um olhar para a realidade da vida de homens e mulheres visando compreender as relações sociais entre eles;
- ✓ Segundo os Psicólogos Sociais Bandura e Hudson (1961), a identificação de gênero é consequência de um modelo previamente observado e imitado, quer por imitação dos pais, quer de outras pessoas próximas. O que reforça a tese de performances de gênero elencada por Butler (2008). Nesse processo, são reforçados comportamentos adequados aos sexos e são punidos os sujeitos que

apresentam comportamentos considerados socialmente como inadequados ou desviantes. (livro Masculinidade em (re) construção: gênero, corpo e publicidade - JANUÁRIO, 2016 p.41);

- ✓ A identidade é performativa (BUTLER, 2008)... deste modo dizer que o gênero é uma performance, quer dizer que ele é uma identidade afirmada pela repetição das normas de gênero que se cristalizam e se mostram como uma substância da pessoa, uma verdade incontestável. (livro Masculinidade em (re) construção: gênero, corpo e publicidade - JANUÁRIO, 2016, p. 42);
- ✓ “... gênero como as práticas em que homens e mulheres ocupam essa posição (de gênero) e sentem os seus efeitos nas suas experiências, seja no corpo, individualmente ou na cultura. É importante perceber a diversidade de vozes masculinas (Vale de Almeida, 2000) - (citação retirada do livro Masculinidade em (re) construção: gênero, corpo e publicidade - JANUÁRIO, 2016, p. 111-112);
- ✓ Para Butler, (2008) é preciso “desqualificar” as categorias analíticas, como sexo ou natureza que levam à univocidade. A filósofa afirmou que a “coerência” e a “continuidade” da pessoa não são as características lógicas, passíveis de análise ou de significação da condição de pessoa; pelo contrário, são normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Para Butler (2008) vivemos na nossa sociedade em “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo (prática) que é obrigatoriamente heterossexual. (fragmento retirado do livro Masculinidade em (re) construção: gênero, corpo e publicidade - JANUÁRIO, 2016, p. 43);
- ✓ O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as construções sociais: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres.

(fragmento do texto *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*, SCOTT, 1995, p. 75);

- ✓ A construção das várias masculinidades ocorre de maneira complexa e está vinculada tanto a modelos da cultura quanto á estruturação dos seres humanos, pais e mães, estes também são produtos da cultura (cítado na *Dissertação Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*, MUSKAT, 2006, p. 20);
- ✓ Ao analisar as formas hegemônicas da masculinidade, o autor mostra que elas têm como base controle dos corpos, o qual se exerce pela disciplina, educação, discursos e atribuições sociais e se mantém por meio de contínuos aperfeiçoamentos das tecnologias individualizantes de poder (Foucault, 1994)- (Cítado no texto *Masculinidade no limiar de uma nova era*, SCAVONE, 2011 p. 271);
- ✓ Não existe nada em mim que não exista nas outras pessoas, e nada nas outras pessoas que não exista em mim. É claro que estamos presos à linguagem. (cítado no livro *A invenção da heterossexualidade*, KATZ, 1996, p. 111);
- ✓ Nossa cultura faz a heterossexualidade parecer um destino inevitável. (reflexão obtida no livro: *A invenção da heterossexualidade*, KATZ, 1996, p. 117-18);
- ✓ Homens e mulheres reconstroem a imagem do seu gênero à medida que novas concepções de relações são construídas (livro *O homem não tece a dor, queixas e perplexidades masculinas*, BENTO, 2015, p. 164);
- ✓ O documento “Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais” (BRASIL, 2009, p. 1) descreve que “para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à

construção social do sexo anatômico. [...] Gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos”.

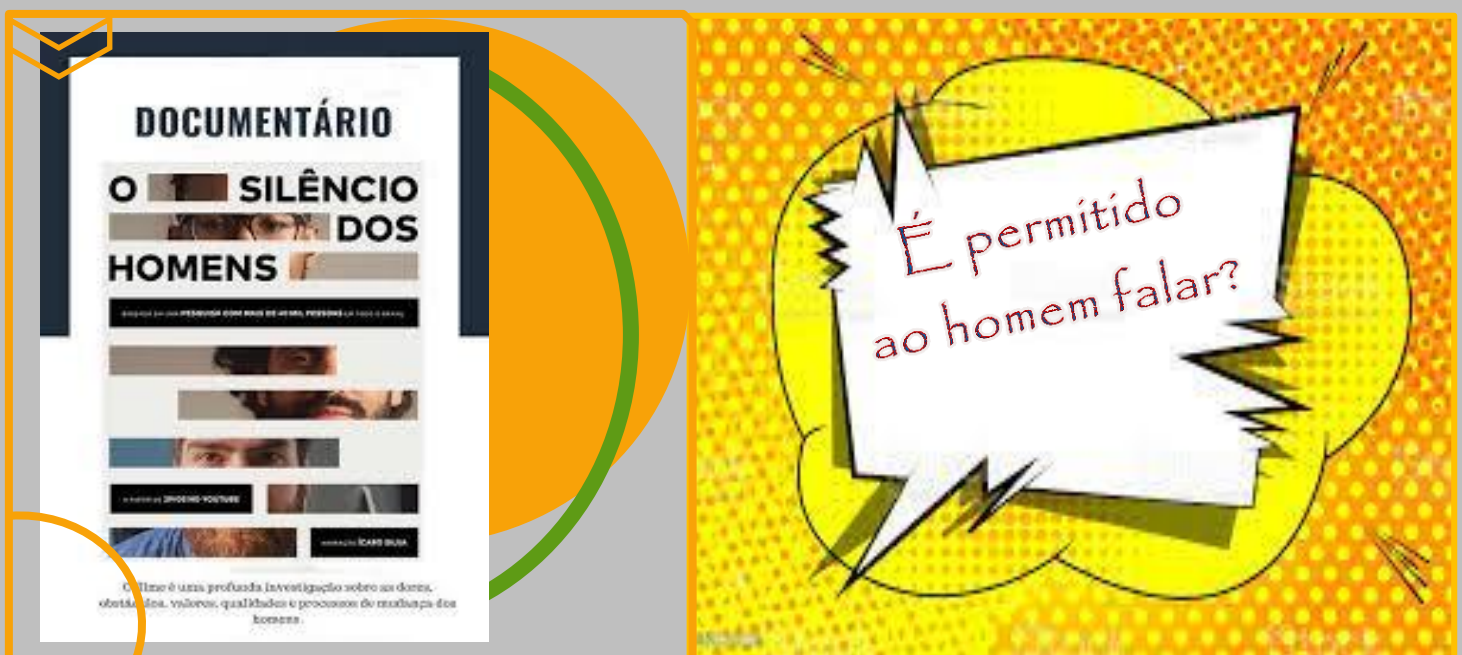
Gênero é uma construção social. Homens e mulheres são construídos socialmente; e, como tais, também podem ser desconstruídos. Ninguém nasce sabendo que azul é para menino e rosa é para menina. Aprende-se!

## RETOMANDO A DISCUSSÃO

Apresentação de vídeo: O Silêncio dos homens

Disponível em: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>;

Produzido pelo Papo de Homem e disponível no YouTube, o filme apresenta dados e conversas com personagens reais e especialistas ligados à saúde mental e sociologia sobre masculinidade tóxica, que é ensinada, de forma geral, desde que pais e mães descobrem que estão grávidos de um menino.



Filme *Acorda, Raimundo... Acorda!* Dir. Alfredo Alves. [s.l.]: Ibase, 1990. (16 min), color.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OmFvs5p8ZOo>>

Reprodução do Curta Metragem *Acorda, Raimundo... Acorda!* O filme discute o processo de naturalização dos papéis sociais estabelecidos para as relações de gênero na sociedade. A naturalização da divisão sexual do trabalho é contada a partir de um cenário social invertido: ela está no papel dele.



**Atividade Interativa:** Partindo da exibição do filme os participantes serão divididos em grupos e terão que produzir argumentos a favor ou contra a naturalização dos papéis sociais de gênero. Cada grupo terá um posicionamento definido de acordo com sorteio realizado pelo mediador. Encerrado o tempo da discussão em grupo, retoma-se o debate com a exposição dos posicionamentos das equipes.

Na ocasião o mediador identificará os preconceitos e percepções sexistas a fim de dialogar com o grupo e desconstruir alguns conceitos. A partir das apresentações de novas perspectivas ligadas as identidades de gênero serão confeccionados panfletos, cartazes, mural, mensagem em forma de poema, poesia ou cordel e ainda a criação de um símbolo (desenho/colagem) que represente o conceito de gênero.

Ao final da discussão e apresentação dos grupos, os trabalhos ficarão expostos na escola como uma resposta afirmativa aos novos conceitos e posturas a serem assumidos pelos participantes da oficina.

## AVALIAÇÃO

Antes de encerrar o mediador fará uma breve reflexão sobre o tema apresentado concluindo a importância do debate e em seguida aplicará uma dinâmica de avaliação da oficina, onde os participantes deverão elencar os pontos positivos, negativos e o que deve ser melhorado, escrevendo-os em tarjetas e fixando-os em um mural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, V. L. do. *Psicologia da educação / Vera Lúcia do Amaral*. - Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p.: il.

ARAUJO, I. M. de; BARBOSA, F.M.S. da. **Identidades de gênero: discursos e práticas no contexto da escola**. In. ARAUJO, I. M. de; NUNES, C. *Diversidade e gênero desafios à formação docente: Universidade Regional do Cariri, Fortaleza, CE, 2016*.

BADINTER, E. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual / Berenice Bento**. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. *Estudos Feministas: Florianópolis*, v.19 (2): 336, maio-agosto/2011.

BENTO, B. **O homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. 2. Ed.-Natal, RN: EDUFRN, 2015.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. VoI.20(2), julho/Dezembro/1995.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



BUTLER, J. **Dissidências sexuais e de gênero**/ Leandro Colling, organização. – Salvador: EDUFBA, 2016. 240 p.

CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 20, n.2, p. 185-206,jul./dez.1995.

CONNELL, R. W. Como teorizar o patriarcado, Educação e realidade, v. 15, n. 2, pp. 85-93, 1990.

Filme Acorda, Raimundo... Acorda! Dir. Alfredo Alves. [s.l.]: Ibase, 1990. (16 min). Disponível em: <<https://WWW.youtube.com/watch?v=OmFvs5p8ZOo>>

GOELLNER, V.S. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Cadernos de Formação RBCE, p.71-78, mar. 2010,

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

JANUÁRIO, S. B. **Masculinidades em (re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. Editora LabCom.IFP, Covilhã, 2016. Disponível em: [www.labcom-ifp.ubi.pt](http://www.labcom-ifp.ubi.pt). Acesso em: 20.08.2020.

KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade** / Jonathan Ned Katz; prefácio Gore Vidal; tradução Clara Fernandes. -Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1996.

KIMMEL, M. S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007> . Acesso em: 02.12.2019

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2<sup>a</sup> ed., 2000.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação** / Cipriano Carlos Luckesi. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MUSKAT, S. **Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero.** Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Psicologia. Área de concentração: psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 207. 2006.

O Silêncio dos homens. Direção: Ian Leite; Luiza de Castro. Produção papo de homem e Instituto PdH, 2019. (60 min.). Disponível em: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>. Acesso em: 15.05.2021.

SCAVONE, L. **Masculinidade no limiar de uma nova era.** Livros & Redes. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro. v. 18, n. 1, jan.-mar. 2011, p. 269-272.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. Porto Alegre, n.2, P. 5-22, Jul./Dez. 1995.

SEFFNER, F. **Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar?** Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 17, n. 2, p. 67-81, Maio/Agosto 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v17i2.27750>. Acesso em: 24.08.2020

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** /Toma.Z Thdeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.